

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	5950	5120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-3-	-5-
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	-5-	-5-
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-5-	-5-

4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 101

11 DE OUTUBRO 1881

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO]

LISBOA — 43, RUA DO LORRETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — As nossas gravuras—Estabelecimentos Scientificos de Portugal, Secção Geologica, R.—O Pilião Africano, AUGUSTO DE CASTILHO — O Convento de Jesus de Setubal, BRITO REBELLO — A Exposição Nacional de Milão, R.—Sapatos de Defuncto, LEITE BASTOS—Publicações.

GRAVURAS. — Arthur Chester, Novo presidente dos Estados Unidos—A atriz Delfina Perpetua do Espirito Santo — O coronel Antonio José da Cunha Salgado, — Africa Portuguesa, — Moçambique, Pretas Piliando, —Exposição Nacional de Milão—Galeria de Bellas-Artes — Galeria do trabalho, fabrico da seda — Cerutti, architecto da Exposição — Os jardins e os kiosques— Na exposição de ceramica — A exposição de sinos — Galeria das machinas — Marinha de guerra portugueza, Canhoneira Ave—Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Não temos outro remedio senão fallar de S. Carlos. O assumpto não é muito divertido, sinceramente, porque as duas primeiras operas foram dois *fours* mais ou menos completos: mas assim mesmo a abertura do theatro italiano e a companhia lyrica, foram os assumptos que predominaram n'estes dez dias, que attrahiram mais as atenções da população de Lisboa cansada dos inspidos mezes de verão na capital esfaumada por espectaculos e que compensaram todos os jornaes e todas as conversações d'esta realidade de assumptos mais importantes; e portanto fallemos de S. Carlos.

Antes porém, é necessario, é indispensavel fazer uma declaração: não somos amigos nem inimigos da empresa. Esta declaração é tanto mais urgente quanto o theatro lyrico tem entre nós as honras d'uma questão magna, é mais discutido que as leis que se votam em S. Bento, occupa muito mais todos os espiritos que os altos negocios politicos e que ao passo que todas as importantes questões d'arte são tratadas por nós, governo e publico, com uma indiferença enor-

me e um desdem colossal, as *florituris* d'uma prima-dona, o dó de peito de um tenor, a pirueta d'uma bailarina, preoccupam immensamente as altas regiões do poder e o espirito dos povos, que cuidam mais na perfeita execução do *Trovador* do que na estricta execução das leis, que perdoam muito mais uma infracção á carta constitucional do que uma desafinação na cavatina, que se importam muito menos que lhes cortem a liberdade do que lhes cortem uma cadencia.

Entre nós, o unico assumpto serio, grave, importante, é S. Carlos.

Os governos podem fazer tudo, tudo, menos focar n'essa Arca Santa; se lhe tocam, estão perdidos.

Um ministerio pode esbanjar os dinheiros do thesouro, pôde contrair empréstimos ruinosos, pôde lançar impostos esmagadores, pôde

violentar a liberdade da eleição, pôde prender a torto e a direito quem lhe parecer, pôde pôr o theatro nacional em leilão, e deixar a arte portugueza morrer á fome, pôde demittir empregados honestos, para empregar amigos corruptos, pôde tratar o paiz como uma coisa sua, administral-o como uma prodigalidade demente, que seria o bastante para qualquer pae menos severo interditar o seu filho mais querido, pôde fazer tudo que lhe appetecer, que não cae por amor d'isso. Infelizmente, não precisamos de proval-o, prova-o a nossa deploravel historia politica ha muitos annos para cá.

Mas, que um ministerio se lembre, o ministerio mais honrado, mais serio, mais intelligente, mais zelador dos dinheiros publicos e do bem do Estado, de tirar o subsidio ao theatro lyrico!—caie fatalmente no dia immediato.

Ora, quando um theatro lyrico italiano é assim tratado por um paiz que não tem theatro nacional, quando, n'uma terra em que tudo se trata a rir, só se trata a serio a companhia italiana de canto e baile, quando, na politica, todos dizem tudo que querem, sem ninguem se importar saber se o sr. A. aggride o governo, porque lhe tirou uma commissão rendosa e illegal, e se o sr. B. o defende, porque o collocou escandalosamente n'um logar importante, e, no theatro de S. Carlos, o sr. A. não pôde dar pateada ao tenor, sem que toda a gente vá logo indagar se lhe tiraram a cadeira que tinha de graça, ou lhe negaram a entrada no palco, e o sr. B. não pôde dar palmas á contralto sem que toda a gente trate logo de saber quantas entradas lhe dá a empresa, e quantas ceias lhe dão os cantores, quando isto é assim, é necessario, antes de dizer uma palavra sequer a respeito de S. Carlos, fazer um juramento solemne em frente dos sagrados evangelhos em como não se é amigo nem inimigo da empresa e dos cantores.

Nós fazemos solememente esse juramento.

E agora podemos, finalmente, dar a nossa humilde opinião sobre a questão importantissima de S. Carlos.

O publico tem pateado desalmadamente alguns dos



ARTHUR CHESTER, NOVO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS

cantores, e feito aos outros uma recepção frigidíssima. Não achamos razão ao publico. Os pobres cantores não são culpados de os terem ido buscar ás suas terras para virem cantar para o theatro de S. Carlos. Cantam como podem e como sabem: alguns podem pouco, e não sabem muito mais do que isso; mas, a culpa de nós os ouvirmos não é d'elles, é da empresa que os escripturou, e é, portanto, á empresa, que o publico e a auctoridade deve pedir contas.

Sei já que ha um argumento julgado irrespondível, para quando o publico se não contenta com os artistas de menos vulto que veem a S. Carlos:

—O publico é muito exigente; em parte nenhuma ha theatro lyrico por este preço: por oito tostões e por um quartinho não sabemos que mais o publico quer.

E' facil saber: o publico quer uma coisa muito simples: quer que se cumpra o contracto feito com o governo. Esse contracto é ruinoso para qualquer empresa? Póde muito bem ser. Mas, como até hoje não se prende ninguem para empresario de S. Carlos, toda a gente está no uso plenissimo do seu sagrado direito de se não metter em negocios ruinosos. Desde o momento em que, voluntariamente, sem coacção, qualquer individuo aceita esse contracto, tem obrigação restricta de o cumprir. Esse cumprimento é simplesmente o que o publico exige, e achamol-o perfeitamente no seu direito.

Se se póde, ou não, por oito tostões, trazer a Lisboa uma companhia com artistas de reconhecido merito, que cada vez se fazem pagar mais caro, não temos nada com isso. Temos simplesmente com o que o contracto impõe: a empresa accitou o contracto, logo, tem que o cumprir. E isto não é uma theoria feita hoje de proposito, expressamente para a empresa actual; temol-a feita, ha muito tempo, para os casos identicos, e já por varias vezes a temos emitido.

A empresa de S. Carlos, este anno, teve a fatalidade de não saber organizar a companhia: essa fatalidade sente-a já, e tanto, que, rompendo com os seus habitos silenciosos, fez proclamação ao publico, proclamação que nos parece ter sido ainda mais aconselhada pela mesma fatalidade, do que pela logica e pela grammatica.

A primeira opera, a *Aida*, não caiu ruidosamente, mas teve morte rapida e obscura: na segunda noite, um domingo, o theatro estava quasi vazio. O *Fausto*, a segunda opera, foi esmagado á nascença pelas botas lisboetas, a terceira, a *Africana*, que acabamos de ver n'este momento, parece-nos que seguirá as pizzas da *Aida*.

Os artistas nem sequer são maus, são desesperadamente mediocres. A sr.^a Turolla, a sr.^a Garbini, a sr.^a Borghi, a sr.^a Gini, são cantoras que se tolerariam em S. Carlos, e, mesmo, algumas, seriam ouvidas com agrado, se houvesse, ao menos, uma prima-dona de primeira ordem; o sr. Bulterini seria um bello tenor, havendo outro que o revezasse, que fosse melhor, ou, pelo menos, tão bom. O sr. Kaschmann, esse é um artista de primeira ordem, mas, ainda assim, inferior aos barytonos que ordinariamente estamos costumados a ouvir em S. Carlos. A' companhia em geral o que falta, é talento.

E' inteiramente impossivel fazer uma época em Lisboa com uma companhia d'esta força: só dando uma opera nova cada noite, e, assim mesmo, o publico cançar-se-ia de ver desempenhos mediocres.

Mas, noto agora, com estranheza, que, tendo dado a S. Carlos quasi tanto espaço na minha chronica, como elle occupa nas atenções do meu paiz. E não póde ser, porque, se não temos muitos assumptos mais a reclamarem a nossa tinta, temos uma obra de justiça a fazer.

— Para fazer essa obra de justiça temos que ir ao theatro de D. Maria assistir á representação do bello drama de Augusto Vacquerie — *João Baudry*.

N'essa peça esplendida que a critica fran-

ceza considera unanimemente como uma das obras primas do theatro moderno, ha um trabalho artistico de primeira ordem que merece uma menção especial e honrosissima. E' o trabalho de João Rosa. O desempenho dos principaes papeis do drama de Vacquerie foi primoroso e mesmo o actor Joaquim d'Almeida, n'um papel opposto á sua brilhante individualidade artistica, mostrou notavel talento, mas o desempenho de *João Baudry*, uma criação difficilima, foi verdadeiramente excepcional por parte de João Rosa. Raras vezes a arte de representar terá ido tão longe nos nossos palcos, raras vezes um artista se consubstanciou de tal fórma com o seu personagem nas mais ligeiras nuances.

Um trabalho admiravel, que não foi saudado com aclamações ruidosas, porque é d'uma austeridade artistica que não transige com as *ficelles* dos applausos, mas que encantou os delicados da arte pela sua perfeição minuciosa e maravilhosa.

No theatro francez aquelle trabalho levaria á primeira plana qualquer artista: em Lisboa poucos amigos foram ao camarim abraçal-o. Se elle tivesse bracejado, gritado, se acabasse a scena rouco e offegante, que *sucesso* não teria tido, santo Deus!

— Inaugurou-se no dia 8 o caminho de ferro de Caceres, realisando-se por essa occasião a entrevista do rei de Hespanha com o rei de Portugal. De Lisboa além da comotiva real foram á inauguração muitos jornalistas. As festas duraram apenas um dia, e apesar de molhadas foram brilhantes, e tiveram uma vantagem sobre quasi todas as outras festas.

As outras festas quando acabam deixam ordinariamente de si, apenas, uma recordação, e esta deixou uma nova linha ferrea.

— Complica-se, segundo dizem os jornaes, o caso do cheque dos cinco contos. Depois de nos dizerem que o criado do sr. Mayer tinha sido posto em liberdade, por não se ter encontrado base para pronuncia, dizem-nos agora que foi pronunciado sem fiança.

Esta nova noticia, que nos faz acreditar que os tribunaes encontraram provas que provassem mais do que as encontradas pelos policcias, leva-nos a suspender os nossos «inhabeis» sobre a cabeça dos referidos policcias, até ao dia do julgamento no valle de Josaphat do Pote das Almas.

— E já que esta chronica vae quasi toda de theatros, fechemol-a com uma noticia theatral. Como já sabem, sobe em breve á scena na Trindade a opera de Maillard os *Dragões de Villars*. Os leitores viram o scenario da *Mascote*? Viram de certo, foi a unica nota discordante n'aquelle esplendido successo theatral. Pois essa nota foi um engano da empresa: que se fiou na reputação d'um scenographo estrangeiro que no fim de contas estava muito abaixo d'essa reputação. Nos *Dragões de Villar* a Trindade desforra-se do scenario da *Mascote* e as vistas são pintadas pelo sr. Manini, e pelo sr. Procopio.

— E agora temos uma novidade popular, cuja exploração guardamos para a proxima chronica — a feira do Campo Grande.

E por duas razões qual d'ellas mais energica:

— Porque não temos espaço.

— Porque ainda lá não fomos.

GERVASIO LOBATO.

AS NOSSAS GRAVURAS

ARTHUR CHESTER

Novo presidente dos Estados Unidos

O presidente Garfield, cujo retrato e biographia demos no n.º 71 do nosso vol. 11, foi acommettido e ferido por Guiteau a 4 de julho ultimo, na gare do caminho de ferro de Baltimore de Potomach, como dissemos a pag. 189 do presente volume. Setenta e oito dias depois, tendo ora dado as maiores esperanças de salvação, ora as maiores apprehensões de desgraça inevitavel, veiu a fallecer a 19 do mez passado, justamente no dia em que completava cincoenta annos de idade.

Em virtude d'este successo foi convidado, segundo a constituição, a tomar conta da presidencia da republica dos Estados Unidos da America o sr. Arthur Chester, vice-presidente eleito.

O novo presidente tem cincoenta e um annos de idade, pois nasceu em 1830 em Troy (Vermont) onde seu pae era padre methodista. Fez os estudos necessarios no collegio da União onde foi laureado em 1849. Nos seus primeiros annos, depois de sair da universidade, exerceu o professorado nas escolas publicas, e em seguida entregou-se á advocacia. Nesta occupação tornou-se notavel na defesa dos escravos, vencendo algumas causas celebres em favor d'elles. Durante a guerra da separação prestou importantes servicos ao Estado e subiu rapidamente ao grau de general. Depois da guerra entregou-se á politica sendo um dos «leaders» do partido republicano, e era recebedor geral das alfandegas de New-York quando foi eleito vice-presidente. Nesta cidade é o novo presidente muito estimado e considerado.

Pertence, como o seu antecessor no partido chamado republicano, mas a uma fracção opposta. Em quanto Garfield era contrario a uma terceira reeleição do general Grant, á presidencia da republica, Arthur Chester era favoravel a ella, e foi eleito para a vice-presidencia, por compromissos tomados entre os dois partidos.

D'aqui nasceu o dizer-se que não havia perfeita identidade, de vistas politicas entre o presidente e o vice-presidente, e que se este não foi chamado a substituir aquelle durante os dias do seu impedimento temporario, proveniente do attentado, foi por se recear, que aproveitando-se da interinidade dos poucos dias que empunhasse o poder, transtornasse e destruísse os trabalhos do primeiro, e installasse os seus amigos nos logares administrativos, (pelo que se vê, isto não é só o condão das monarchias da Europa) compromettendo assim as reformas que o general Garfield havia empreendido com applauso do paiz.

Parece porém que taes receios eram infundados, em vista das solemnes promessas feitas pelo sr. Chester, na occasião de prestar juramento no Capitolio. O novo presidente não só assegurou que a politica do governo não teria alteração, mas deu a sua approvação ás reformas emprendidas pelo seu antecessor, a quem prestou a devida homenagem.

Mais destruiu ainda aquellas apprehensões convidando os membros do governo a conservarem os seus logares. Em vista d'isto a mudança do presidente, não trará aos Estados Unidos outro sentimento se não o da perda de um homem eminente.

DELPHINA PERPETUA DO ESPIRITO SANTO

Delphina Perpetua do Espirito Santo era o nome d'uma obscura mulher que em 1818 serviu de madrinha a uma creança que não tinha paes legitimos.

Como a pobre creança não tinha nome, ella deu-lhe o seu, com sobrenome e appellido, e mal sabia ella que ia assim atirar com o seu nome desconhecido para a historia da arte do seu paiz, e para os annos da posteridade.

Pois atirou.

A pequenita que nasceu em Lisboa a 20 d'abril de 1818, e que na pia do baptismo recebeu o nome de Delphina Perpetua do Espirito Santo, pagou a dedicacção de sua madrinha ao dar-lhe o nome, fazendo d'esse nome uma celebridade.

Aos vinte annos Delphina começava a dar os primeiros passos para essa celebridade, mas o que ninguem diria ao ver a gorda esposa do Rei Bobeche, é que esses passos foram uns passos de dança.

Pois foram. N'esse tempo o theatro de S. Carlos estava no seu grande esplendor: o conde de Farrobo enterrava ali em deslumbramentos de *mis-en-scene* e de luxo, a sua riqueza legendaria.

Era no tempo d'esses bailados monumentaes, o *Yoko*, a *Conquista de Malaca*, de que os nossos avós nos contavam historias maravilhosas com os olhos ainda a brilharem dos ultimos clarões da mocidade, accendidos por essas recordações alegres, e de que os nossos paes se lembravam com uns deslumbramentos vagos, como nós nos lembramos dos contos de fadas que ouvimos em crianças.

Uma noute o conde de Farrobo esse empresario millionario, que foi o homem que mais divertiu Lisboa, em S. Carlos, nas Laranjeiras e no Farrobo, lembrou-se de organizar uma recita dramatica no seu theatro de Farrobo, com a sua companhia de S. Carlos.

Procurara entre as suas escripturadas portuguezas as que teriam geito para a declamação, e levou a Delphina, a pequena e graciosa dançarina que n'esse tempo tinha um dos mais formosos cabelos de mulher, que tem fluctuado á luz avermelhada das gambiarras.

Coube-lhe um papel de *soubrette* n'uma comedia, n'um acto. Delphina representou-o esplendidamente, muito melhor do que dançava.

Quando voltou do Farrobo, os seus sonhos de futuro estavam completamente transformados. Aborreciam-n'a já as piruetas das bailarinas e pensava em glorias maiores.

Por esse tempo a Soller, que era tambem dançarina como ella — aquelle corpo de baile d'então foi um viveiro das nossas glorias dramaticas — caiu, quebrou uma perna, e saiu do theatro. Delphina não quebrou cousa nenhuma mas saiu tambem, e d'ali o pouco tempo apparecia no theatro do Salitre de que eram empresarios o sr. Paulo Midosi, pae, e Cesar Perini di Lucca, a representar o *Peão Fidaigo* do capitão Manuel de Sousa, traducção do *Bourgeois gentilhomme* de Molière.

O Farrobo não a tinha enganado. Effectivamente a sua vocação era aquella, aquella é que devia ser a sua gloria.

Do theatro do Salitre onde teve grande successo, Delphina passou ao theatro da Rua dos Condes, onde estava o celebre Emilio Baux, e onde brillava em todo o seu esplendor, o novo astro da scena portugueza, a sr.^a Emilia das Neves.

Abi Delphina fez progressos maravilhosos, e começou a enriquecer a arte dramatica com as suas meliores creações, a tapnya do *Odio de Rapa*, a caracteristica do *Dote de Suzanna*, etc.

Em 1846 quando o theatro de D. Maria era explorado pela sociedade d'actores, Delphina entrou para lá como

societaria. Era já mais que uma actriz de primeira ordem, era uma actriz excepcional, pelo seu talento profundamente natural e simples, pela sobriedade rara de meios com que alcançava os mais extraordinários efeitos cómicos e o desempenho dos seus papéis, na *Noite de Santo Antonio na praça da Figueira*, do sr. Cascaes, em que substituiu a celebre Barbara, nos *Amores de Bocage*, *Fidalgo Pobre*, *Tempo dos Francezes*, *Paz domestica*, e de muitas outras peças, marcaram as noites de maior gloria do theatro portuguez.

Em 1866, quando Francisco Palha, o grande escriptor humoristico, deixou de ser commissario regio do theatro de D. Maria, e sahio de lá, com os principaes artistas da companhia para o theatro da Rua dos Condes, em quanto não se achava de edificar o novo theatro da Trindade, Delphina, que era muito amiga d'elle, acompanhou-o, e no pouco tempo que estiveram na Rua dos Condes, ella creou um dos papéis mais notaveis da sua vasta galeria artistica, o papel da velha da *Familia Benilton*.

Entrando na Trindade com a sua companhia, Francisco Palha inaugurou um genero novo em Portugal — a opera burlesca.

N'esse genero tem Delphina a segunda phase brilhante do seu talento enorme e modernissimo, e Meilhac e Halevy não poderiam sonhar actriz que melhor realisasse em scena, com todas as suas nuances cómicas, as suas originaes e funambulescas caricaturas.

A creação da rainha Clementina na *Barba Azul*, é uma obra prima no genero, e a velha da *Ilha do Tulipatan*, e essa vasta galeria de typos de comedia e de opera burlesca que ella creou na Trindade — entre os quaes avulta a *Martinha do Medico á Força*, são obras primas da arte dramatica em Portugal.

No anno passado Delphina já muito doente viu-se forçada a deixar o theatro.

Na noite de 1 de julho de 1880 fez a sua despedida á capacha, porque não quiz annunciar recita de adeus, representando o *Avareto* de Molière.

E é assim que Molière se encontra no começo e no fim da vida artistica d'esta actriz excepcional. Do *Peão Fidalgo*, peça da sua estreia no Salitre, até ao *Avareto* peça da sua despedida na Trindade, que creações esplendidas, que trabalho excepcional, que gloria e que triumphos não alcançou ella para si e para a arte portugueza.

Salvini quando passou em Lisboa viu representar Delphina e classificou-a de primeira actriz de Portugal. Esta classificação vale muito mais decerto, que a classificação de *merito relevante* que lhe dera o velho conservatorio.

Retirada a casa, Delphina voltou de novo ao theatro d'ali a dois mezes, para representar o *Barba Azul*, na reaparição da Carlota primitiva, a festejada Anna Pereira, então de novo na Trindade.

Essas representações foram em 17, 19, e 22 de setembro de 1880. Delphina já não podia representar, a sua memoria era rebelde, e no *Barba Azul* continuou substituindo-a a actriz Amelia Barros, no papel de rainha Bobèche.

A sua ultima representação foi em 22 de setembro de 1880, e d'ahi exactamente a um anno, em 22 de setembro de 1881, Delphina expirava depois d'um soffrimento doloroso, de quatro mezes das agonias d'um coração que se desfaz.

O enterro de Delphina foi uma manifestação grandiosa da sympathia e da estima que tinha de toda a gente, collegas e publico, por essa grande actriz que foi toda a sua vida uma excellente e santa mulher, o que deu todo o seu talento á arte, e todo o seu dinheiro aos pobres.

G. L.

O CORONEL ANTONIO JOSÉ DA CUNHA SALGADO

Ainda no nosso ultimo numero registavamos a morte de uma veneranda reliquia do nosso brilhante exercito da guerra peninsular e das campanhas da liberdade, e já hoje temos a commemorar o desaparecimento de outro distinctissimo militar, que era uma das mais notaveis individualidades presentes do nosso exercito, e que todos consideravam como uma esperanza.

Antonio José da Cunha Salgado, era d'estes homens, de que ha poucos presentemente, que desde que se levantam até que se deitam, e talvez ainda durante as horas de repouso, não estudam, não pensam, não sentem, não cogitam, não procuram senão o melhor desempenho da sua profissão.

Quem o visse robusto, com a sua côr brilhante e viva, manifestando na lisura da pelle, na agilidade de seus movimentos o vigor e sanidade do seu natural, não poderia imaginar que tão breve, aquellas poderosas faculdades iriam sumir-se sob tres punhados de terra.

Mas assim succedeu. E depois d'elle morto foi que se conheceu que o exercito tinha soffrido uma cruel perda... que não bastam missas, nem officios, por mais incenso que n'elles se consuma, que a possam reparar.

Antonio José da Cunha Salgado, filho do capitão de engenheiros do mesmo nome, nasceu em Belem a 19 de janeiro de 1823. Preparado com os necessarios rudimentos, entrou no Real Collegio Militar em 1834, concluindo o curso d'este estabelecimento e assentando praça no mesmo regimento de cavallaria n.º 2, que ultimamente commandava, a 28 de agosto de 1840, sendo declarado aspirante a official em 23 de setembro e promovido a alferes para o batalhão de caçadores n.º 27 a 26 de novembro seguinte.

Em 1838 uma pleiade de mancebos de talento e estudiosos haviam organizado uma associação litteraria, a *Sociedade escolastico-philomatica*. Essa sociedade que contava no seu seio Rebello da Silva, Sebastião José Ribeiro de Sá e outros, publicava um jornal o *Cosmorama litterario*. Cunha Salgado, estudioso e activo, não podia deixar de se ligar áquella brilhante mocidade. Foi n'aquelle jornal que encetou a sua vida de escriptor, e n'aquelle gremio que produziu os seus primeiros trabalhos litterarios, professando ahi um *Curso elemental de geographia*, publicado em 1843.

Por esses annos pertencia á *Sociedade Perseverança* de recreio dramatico, estabelecida na rua do Arco a Jesus, mesmo na casa contigua ao arco, onde o vimos representar, com bastante naturalidade, segundo a nossa idade então nos permittia julgar.

Todos conhecem as commoções politicas que agitaram o paiz durante esses annos, e que vieram a disparar na guerra civil de 1845-47. Cunha Salgado que, como soldado verdadeiro, seguiu sempre as suas bandeiras, foi ferido gravemente n'uma perna na batalha de Torres Vedras, a 22 de dezembro de 1846, quando pelejava valorosamente, pelo que foi feito cavalleiro da ordem da Torre e Espada.

A 19 de abril de 1847 foi promovido a tenente, e nomeado adjunto á repartição do quartel mestre general a 1 de fevereiro de 1848. Como em consequencia d'aquelle ferimento ficara impossibilitado de servir na arma de infantaria, foi de novo passado á de cavallaria em outubro do mesmo anno, e nomeado ajudante de ordens do chefe do estado maior general em fevereiro de 1850. Graduado no posto de capitão a 26 de junho de 1851, continuou n'aquella commissão até á extincção do commando em chefe do exercito em setembro de 1859.

Em 1852 havia publicado a sua obra intitulada *Nepções geraes da guerra*.

Das muitas commissões especiaes que desempenhou contaremos como principaes a organização e creação da *Padaria militar*, cuja utilidade e vantagem ainda hoje se reconhece; o asylo dos filhos dos soldados, magnifica e proveitosa instituição de que elle foi organisador, director e mestre, publicando os compendios de grammatica portugueza, elementos de arithmetica, geometria, geographia, chronologia, tactica, hippologia, hippatria e outros, parecendo incrível a sua actividade e infatigabilidade.

Conhecendo, além da sua, as linguas latina, hespanhoia, italiana, franceza, ingleza e allemã, algumas das quaes falava correntemente, conhecia todo o movimento litterario militar da actualidade, e por isso em todas as commissões de serviço, já no paiz, já no estrangeiro, pela Hespanha, França, Belgica, Prussia, etc., quer só, quer em companhia do general Barreiros, se desempenhou pelo modo que indicam os seus preciosos e bem trabalhados relatorios.

Na escola do tiro das Vendas Novas, e nomeadamente na organização do Campo de Tancos, cuja conveniencia não tentamos discutir, se houve com a diligencia e zelo proprios dos seus conhecimentos e dedicação.

Tambem como chefe da 1.ª repartição no ministerio da guerra, e como director do Real Collegio Militar, que fôra o seu berço marcial, manifestou sempre as suas raras qualidades, embora discordemos de algumas das suas idéas e medidas.

Quando o batalhão da Zambezia, que havia tentado revolucionar-se em Alcantara, foi mandado para Mafra, achava-se Salgado n'esta villa commandando o asylo dos filhos dos soldados. O batalhão consummou ali a sua tentativa, mas Salgado secundado por alguns alumnos mais corajosos, manda assestar a bateria da escola contra os amotinados, que a tal vista dispersam; devendo-se a esta sua enérgica resolução ser suffocada aquella sedição. Este seu procedimento foi justamente elogiado pela ordem do exercito de 20 de abril de 1869.

Subindo os postos segundo a escala do accesso foi promovido a coronel em 1874, e achava-se hoje commandando o regimento de cavallaria n.º 2, lanceiros da rainha, onde assentara praça.

Fructo de muitos annos de trabalho e de estudo era a sua ultima obra, uma nova tactica de cavallaria, que foi mandada ensaiar e pôr em pratica, nos corpos d'essa arma, sendo suspensa ultimamente, em vista de uma votação contraria da commissão nomeada para tratar d'esse assumpto.

Este desgosto foi talvez uma das causas que mais abreviaram a vida d'aquelle prestantissimo official. É possível, é mesmo natural que aquella obra tenha defeitos, coisas susceptíveis de emenda e que demandem modificação ou alteração, o futuro se encarregará de comparar o trabalho de um com o que outros apresentarem. Nós não somos competentes para isso.

Desde que entrou no exercito, até que a mão do destino o apagou d'elle, Antonio José da Cunha Salgado, foi o apostolo convicto da instrucção e melhoramentos militares. Com a voz no parlamento, com a penna na imprensa, com o voto nas commissões, a sua aspiração, o seu empenho, as suas cogitações eram para o exercito. O exercito perdeu n'elle, não diremos o seu official mais instruido, mas aquelle que poz a seu serviço tudo quanto um homem instruido, intelligente, enérgico e infatigavel, pôde e deve pôr a favor do bem da sua patria.

Por isso o dia 25 de setembro do corrente anno em que elle falleceu, deve ser tido como um dia nefasto para o exercito portuguez.

De Mousinho da Silveira disse Alexandre Herculano que tinha tido a desgraça de tomar a serio o liberalismo; de Cunha Salgado pôde dizer-se que teve a desgraça de tomar a serio o dever do militar; feliz a nação onde a todos accommettessem desgraças semelhantes!

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

Canhoneira Rio Ave

A marinha de guerra portugueza foi augmentada com mais um vaso de guerra.

A canhoneira *Rio Ave*, cuja primeira cavilha foi batida a 3 de julho de 1878, sahio do estaleiro e foi lançada á agua em 23 de junho de 1880.

Foi construida no nosso arsenal da Marinha, segundo o plano do engenheiro constructor inglez Mac-Krow, aproveitando-se para a sua construcção a machina de vapor que havia pertencido á canhoneira *Guardiana*.

Mede a canhoneira, em metros lineares, de extensão entre perpendiculares 36,574, de boca extrema 6,583, de boca, pelo molde, 6,315; altura do porão 3,748; a imersão avante é de 2,088, á ré é de 3,496.

O deslocamento, segundo o plano, era de 364 toneladas, mas o seu effectivo, deois da imersão, é de 398.

Nas experiencias realisadas no Tejo, contra a corrente, nas condições menos favoraveis, foi o seu andamento de sete milhas; mas na viagem até ás ilhas, em mar largo, segundo os diagrammas já enviados, e que nos foram benevolamente manifestados pela respectiva repartição, tem sido o andamento médio de 8 milhas com uma pressão de 21 a 22, e com 83 a 85 rotações.

A machina é da força de sessenta cavallos, de dois cylindros horisontaes, com duas caldeiras e helice de Griff.

Tem navegado bem e deve estar proxima hoje de S. Thomé, na Africa occidental, para o qual ponto foi mandada fazer serviço.

ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL

SECÇÃO GEOLOGICA

(Conclusão)

A secção está estabelecida no edificio da Academia Real das Sciencias, na rua do Arco a Jesus, e na parte superior d'elle.

Entra-se em uma sala cercada de estantes repletas de exemplares mineralogicos, ao meio da qual se levantam duas grandes vitrines encerrando varios e importantes exemplares de diversas localidades, relativos á anthropologia e industria de civilizações prehistoricas e historicas, avultando alguns esqueletos prehistoricos notaveis.

Passando essa sala vê-se em frente a galeria anthropologica, e encontra-se á esquerda a de geologia, que a nossa estampa representa, copia de uma photographia tirada pelo photographo da secção o sr. Manuel Dias dos Santos, por obsequiosa e benevola auctorisación do digno chefe o sr. Carlos Ribeiro, que d'esse modo quiz satisfazer o nosso empenho.

Entrando-se na galeria geologica deve encetar-se o exame pelo fundo, á direita do visitante. Começam ahi os exemplares do terreno *silluriano*, o mais antigo ali representado, com as suas subdivisões de *inferior*, *superior* e *facies meridional*, seguindo sempre por essa estante direita até á porta da entrada e girando pelo lado esquerdo até ao fundo, vão-se encontrando representados os terrenos *devoniano*, *carbonifero*, *inferior* e *superior*, o *triassico*, passando-se ao *jurassico* com as suas divisões *lias*, *dogger* e *malm*, ao qual se segue o *cretacio*, *terciario*, *quaternario* terminando ao fundo no terreno *moderno*.

Pelo meio e ao longo da sala correm, como se vê, duas ordens de vitrines, devendo começar o exame pelas da nossa esquerda, e pela face externa d'ellas, que olha para as estantes, encerrando a metade das cinco primeiras, uma colleção geral mineralogica; a metade da 6.ª e 7.ª, a colleção hespanhoia. Na metade da 8.ª começa a colleção portugueza, que se continua pela metade direita d'essa fileira de vitrines até á 3.ª. Na metade direita da 2.ª começa a colleção geognostica, que se continua pela face esquerda das quatro primeiras vitrines da direita. Começa na 5.ª uma colleção de *petrographia* que occupa a metade de todas as restantes vitrines, encerrando a parte direita de toda essa fileira a colleção paleontologica.

Ao fundo da sala está a carta geologica, e ao cabo das vitrines e a meio d'ellas avulta um precioso e enorme exemplar de *bilobites*, além de varios exemplares de vertebraes de cetaceos e outros dispostos em locaes convenientes.

Passando á galeria de anthropologia, igualmente cercada de estantes começaremos o estudo pela nossa esquerda á entrada, onde começam os *Kjoekenmoedding* (restos de cosinha prehistorica), do cabeço d'Arruda e moita de S. Sebastião, descriptos pelo sr. Carlos Ribeiro na sua memoria apresentada ao congresso, que occupam tambem as primeiras tres vitrines.

Segue-se a secção das Cavernas, começando pela da *Furninha* (Peniche) seguindo até ao fim da sala com as da *Casa da Moura* (Cesareda) *Vimeiro*, continuando pelo lado direito com as da *Lapa furada*, *Porto Covo*, *Cascaes*, *Oeiras*, *Monge* (Cintra) *Carnaxide*, *Licea*, *Palmeira*, *Alcoberlas* (Rio Maior) *Cova da raposa*, *Serra de monte junto*, *Carvalhal*, *Serra dos molianos*, *Pernes*, *Malgasta* e *Colombeira*.

A estas seguem os *Dolmens de Mont'Abrão*, *Pedra dos mouros*, *Estria*, *Aguilva* (todos perto de Bellas) *Niza* e *Granja do Marquez*, concluindo com uma colleção geral e outra da epocha paleolithica.

Uma ordem de vitrines corre ao longo da sala, as tres primeiras já dissemos o que contem; as 4.ª e 5.ª encerram exemplares da epocha paleolithica, do *Pégas* (Alemquer) e serra de Monte Junto. Na 6.ª ha os exemplares da *pliocene*. Na 7.ª da *miocene*, de diversas localidades.

A 8.ª contem exemplares anthropologicos diversos, entre os quaes aquelles em que o sr. Delgado se basea para afirmar a anthropophagia dos habitantes prehistoricos da parte explorada, encontrando-se alli um craneo com sinais de trepanação.

A 9.ª e 10.ª contem diversos objectos e exemplares quer nacionaes, quer africanos ou d'outras proveniencias, offercidos ou depositados por emprestimo na secção por S. M. el-rei o sr. D. Luiz, e pelos srs. Choffat, dr. Teixeira d'Aragão, dr. Abel da Silva Ribeiro, Araujo Feio, etc., e pela Academia Real das Sciencias.

A preparação dos exemplares de anthropologia tem sido executada pelo habil empregado da secção, o sr. Corrêa. Levanta-se ao fundo das vitrines famosa *Tabula de Aljustrel* descripta pelos srs. Soromenho e Estacio da Veiga.

Concluindo não temos senão que agradecer a todos os membros da secção desde o seu digno chefe até ao ultimo empregado as attentões e noções com que nos auxiliaram, para satisfazer como deviamos, ao justo empenho do publico. Aconselhamos a este que não deixe de visitar aquelle importante estabelecimento.

R.



A ACTRIZ DELFINA PERPETUA DO ESPIRITO SANTO

Fallecida em 22 de Setembro de 1881 (Segundo uma photographia de Fillon)



O CORONEL ANTONIO JOSÉ DA CUNHA SALGADO

Fallecido em 25 de Setembro de 1881 (Segundo uma photographia de Madeira)

O PILÃO AFRICANO

Os indigenas da provincia de Moçambique estão ainda, como é natural, muito longe da civilisação, e conservam um certo numero de praticas perfectamente primitivas, e com as quaes até os europeus se amoldam perfectamente, longe de diligenciarem substituil-as por outras mais modernas.

Na sua vida domestica são todos os serviços caseiros desempenhados pelas mulheres, e hãem assim os serviços agrarios, e é por isso que um preto é tanto mais rico quanto maior é o numero de mulheres que possui, pois que cada uma lhe representa um elemento de trabalho e de produção de generos, que ao depois trocará por fazendas de seu uso, multiplicando a sua riqueza.

Elle, o preto, passa a vida na ociosidade, conversando com os amigos, adestrando-se no uso das armas, e na caça, e na pesca quando precisa. Só excepcionalmente é que, nas proximidades das povoações dos brancos, alguns pretos se costumam ao serviço de creados, cosinheiros, marinheiros, nos quaes chegam a adquirir grande perfeição.

A base principal da alimentação do preto é vegetal, sustentando-se elles quasi exclusivamente de cereaes, taes como milho grosso e milho fino, mexoeira, e arroz em grão ou em farinha. Para separar o grão da casca que o envolve, e que por ser rija demais é de difficil digestão, usam pilão em um pilão de madeira de grandes dimensões, formado de um grosso tronco de arvore escavado internamente, trabalhando n'este serviço duas pessoas, alternadamente, e ás vezes tres, cada uma com sua mão de pilão. Esta operação que requer bastante força, contribue para a dilatação da caixa toraxica, e desenvolve os musculos dos braços de quem a executa.

Depois de separada do grão a casca coriacea que o envolvia, passa-se a apartar as duas coisas, usando-se então de um supo, que é propriamente uma bandeja concava de esteira com um aro de madeira flexivel e circular para lhe dar a forma. Agitando-se o supo n'um logar onde o ar corra livremente, as pelliculas do cereal pela sua leveza vão sendo levadas com o vento, ficando no fundo o grão perfectamente limpo.

Não ha casa de branco na provincia de Moçambique onde não exista um pilão e um supo como os que representa a nossa gravura.

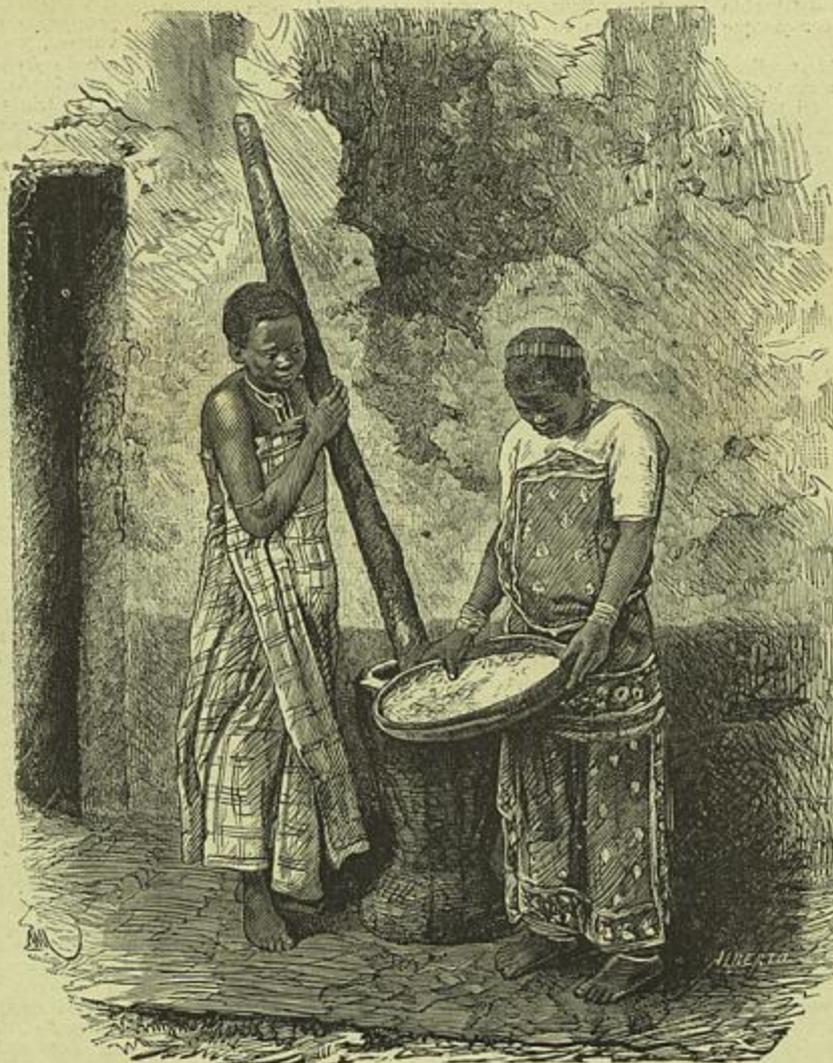
CONVENTO DE JESUS DE SETUBAL

Havia dezoito annos pouco mais ou menos que o Conde de Borba, D. Vasco Coutinho, (já então Conde de Redondo) tinha a capitania

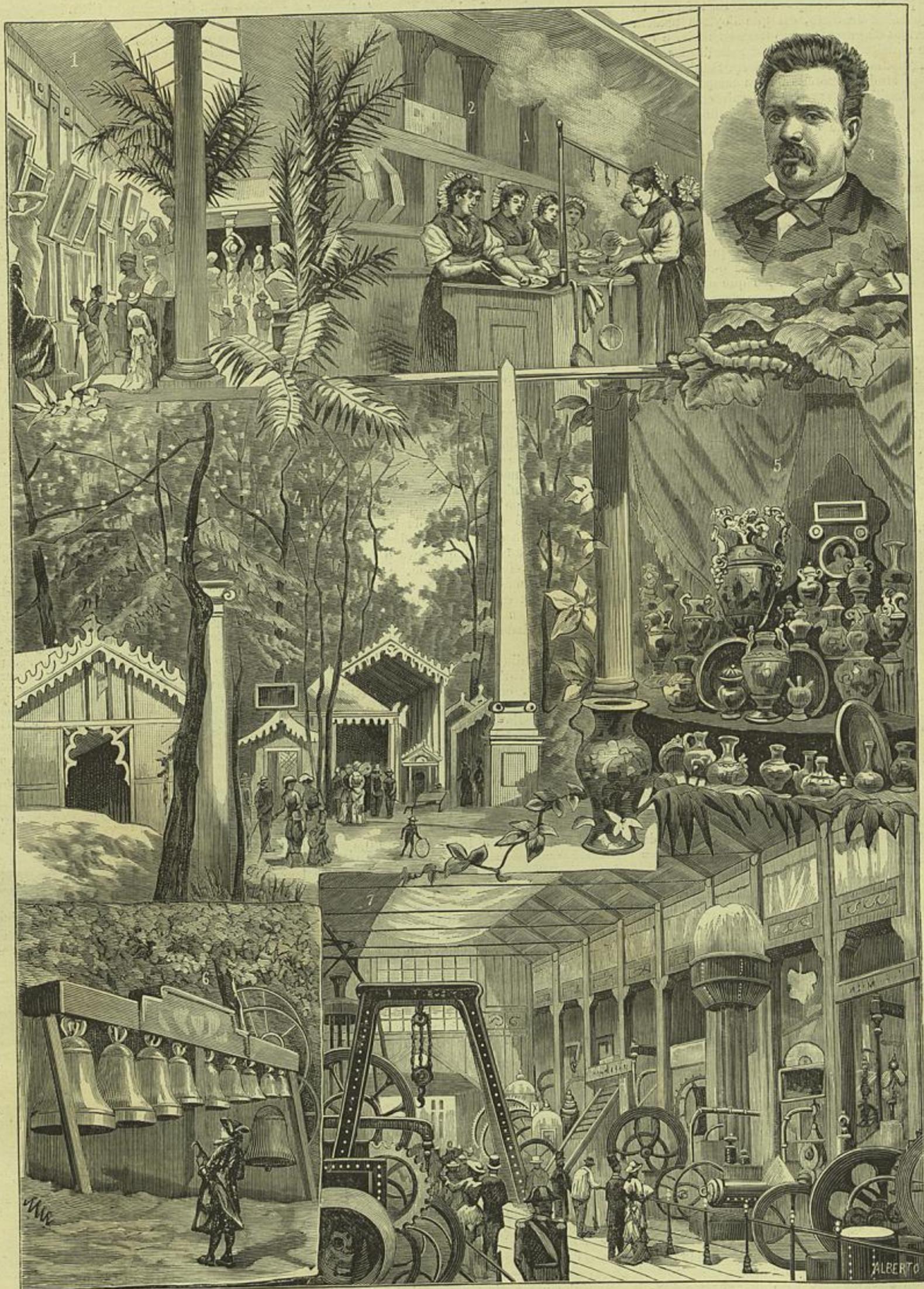
d'Arzilla para si e seus descendentes. Pelo meiado de 1508 chegara a Africa com uma grossa frota o bravo D. João de Menezes, com tenções de se apoderar de Azamor, o que não poude conseguir. Discorrendo com a armada até Tanger, onde governava o celebre D. Duarte de Menezes, convidou o Conde de Borba a vir ali. Ahi tratava com os dois capitães de organizar uma expedição para irem contra Larache (El-Araish) situada ao sul de Arzilla, quando chegam novas de que o rei de Fez com um poderoso exercito vinha sobre esta praça. O Conde de Borba correu a Arzilla onde chegou a tempo de repellar alguns ataques do inimigo, que o cercou e poz em estreito aperto, isto nos principios de outubro de 1508. D. João de Menezes, mandando noticia do cerco para o reino e para as praças de Hespanha, vogou para Arzilla com os navios que poude ajuntar, dando ordem para que todos os mais se fossem ali reunir com elle, e assim mesmo chegou com apprehensões de encontrar a praça já em poder do inimigo.

As praças de Hespanha abalaram-se, e até el-rei D. Manuel partiu logo para o Algarve, a fim de dirigir d'ali os soccorros e com intenções de passar em pessoa á Africa. D. João de Menezes surgiu fóra do recife de Arzilla a 23 de outubro. O arrojado d'este e o apparecimento da esquadra do almirante hespanhol D. Pedro Navarro, que cruzava no Estreito, fez dissipar tamanha tempestade.

Eis pois, a grande crise de Arzilla. Ha d'este tempo não só muitos alvarás de cavalleiro, passados pelo conde de Borba e D. João de Menezes, mas muitas outras mercês feitas por



AFRICA PORTUGUEZA — MOÇAMBIQUE, PRETAS PILANDO (Segundo uma photographia)



1, GALERIA DE BELLAS-ARTES — 2, GALERIA DO TRABALHO, FABRICO DA SEDA — 3, CERUTTI, ARCHITECTO DA EXPOSIÇÃO — 4, OS JARDINS E KICQUES
5, NA EXPOSIÇÃO DE CERAMICA — 6, A EXPOSIÇÃO DE SINOS — 7, GALERIA DAS MACHINAS

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILÃO

D. Manuel por causa do socorro d'Arzilla. E' pois este o tempo a que se referem as expressões da carta, em que Boytaca prestou serviços de guerra, como todos os mais, e que por aquelle modo lhe foram galardoados.

Portanto estando em 1498 em Setubal, deve ter-se ainda demorado algum tempo ali, indo para Arzilla como mestre da carpinteria em 1508 ou algum tempo antes, parecendo pelo que veremos adiante que n'esse intervalo esteve na Batalha,

Em 1511 estava, como vemos pela carta de D. Manuel de volta no reino solicitando a confirmação do alvará do conde de Borba.

Em 1512 achamol'o na Batalha. N'esse anno a 14 de abril celebrava o convento um contracto de escambo com mestre Boytaca e sua mulher Isabel Henriques, pelo qual estes lhe cediam tres courellas de terra que possuíam em Alcanada, por um chão que os frades tinham na villa, junto á casa do mesmo mestre, e por um pardieiro, com seus alicerces de parede, que partia com duas ruas publicas e com a casa e quintal do mestre, para que elles o possuíssem e seus filhos e descendentes.

D'aqui deprehende-se que mestre Boytaca, havia casado entre 27 de março de 1498 e aquella data, e parece que já tinha filhos; parece mais que sua mulher Izabel Henriques era do termo da Batalha, onde possuía propriedades. Este facto que se dá com Boytaca, dá-se com mestre Huguet, com mestre Conrad, com mestre Guilherme, com mestre Matheus Fernandes, mestre Fernão d'Evora, etc. alguns dos quaes casaram com filhas dos outros mestres, como por exemplo: mestre Guilherme que desposou uma filha de mestre Conrad, Matheus Fernandes que se ligou a uma filha de mestre Guilherme, etc. Parece que a Batalha era o receptaculo e o ninho de todos os mestres estrangeiros ou nacionaes.

Já se vê que não é crível que isto se passasse tudo em 1512; portanto ou Boytaca se casou antes de ir para Arzilla ou depois da sua vinda, sendo mais provavel que o fizesse antes, para satisfazer aos desejos de D. Manuel, que, segundo se viu, só dispensou a clausula com que lhe concedera a tença, por pedido da sua ama. Pelo que adiante veremos parece ter-se realizado esse facto pelos annos de 1504.

Em março de 1514 achamol-o nas obras de Belem com o seu ponto tomado ate á semana finda em 20 de maio, deixando de verificar-se a sua presença n'esta obra desde então, por ter partido para a Africa, percorrendo perto de

SAPATOS DE DEFUNCTO

(Continuado de n.º 100)

D'ahi o transtorno que lhe causava, a falta que lhe fazia ao governo da casa.

O homem punha as mãos na cabeça, arrepejava-se, soltando phrases de desespero de envolta com alguma praga que lhe occorria.

Entretanto dava as providencias que em taes casos competem ao bom marido.

Antonio Dourado não era homem que faltasse a si, demais, n'estas grandes occasiões extremas, n'estes momentos por assim dizer de suprema gravidade, era homem que sabia ser superior a si mesmo.

D. Monica accudiu logo pessoalmente a informar-se com o maior cuidado e o maior interesse, lastimando muito a enferma, fazendo os seus offerecimentos sinceros, para o que prestasse, para o que estivesse na sua mão, e procurando por ultimo inquirir das causas do desastre, saber como aquillo tinha succedido, isto com uma insistencia e uma teimosia de esgotar a paciencia a Antonio Dourado, e fazel-o, para nos servirmos da sua phrase: *de fel e vinagre!*

É facil saber que rasões tinha para não querer profundar o assumpto.

Ellé e a mulher achavam uma enorme difficuldade em dar explicações cabaes a respeito do desastre occorrido e ambos, querendo dissimular as causas d'elle, se contradiziam a si mesmo, fallando ao mesmo tempo com uma confusão de palavras e de ideas que bem lhes

tres mezes pelas praças d'Azamor, Arzilla, Tanger e Ceuta, na medição e avaliação de obras alli feitas, mas achando-se já presente em Belem na segunda feira 21 de agosto, como consta do respectivo ponto; e assim rectificamos uma observação contida na nota a pag. 183 do corrente anno d'este periodico.

Em 1515 por carta regia de 20 de abril é-lhe elevada a tença a doze mil réis.

Em 1516, a 25 de agosto é a ultima semana em que achamos no ponto mestre Boytaca, com dez servidores apenas, dos cento e trinta e tantos que dirigia no principio do anno, parecendo ter acabado os seus trabalhos em Belem, e não tornamos a ver o seu nome nos restantes cadernos d'essas obras que aliás não são muitos.

Raczynski affirma, fundado na lista do patriarcha S. Luiz, que mestre Boytaca era fallecido antes de 1528. Não podemos ainda verificar esta asserção, que aliás não envolve contrariedade, e assim deve ter fallecido com setenta annos pouco mais ou menos.

Como vimos, em 1512 Boytaca era casado, e do seu casamento nasceram, segundo parece, pelo menos dois filhos: Jeronymo Boytaca, talvez o mais velho, moço da Camara do Infante D. Luiz, a quem em 23 de março de 1530 se passou carta de mercê de uma das escrivanihas da feitoria de Cantão, por lha haver vendido João Ferreira, com licença d'el-rei, e que se acha assente com a respectiva moradia nos livros da casa d'aquelle infante, não só n'aquelle a que se refere Raczynski, mas em todos os ainda existentes, desde 1536 até 1555, anno da morte do infante, e o devia estar já antes de 1530, como prova a referida carta, o que leva o seu nascimento, provavelmente a 1505, e portanto o casamento de mestre Boytaca a 1504; sabendo-se por uma cota lançada no ultimo livro, que em 1558 a 27 de agosto houve certidão, por mandado d'el-rei para requerer o seu filhamento.

O segundo filho, Duarte Boytaca, foi, a pedido de Miguel d'Arruda, nomeado no 1.º de maio de 1550, juiz dos orphãos da villa da Batalha; e nada mais sabemos d'elles.

Por intermedio de um amigo nos communicou o sr. Gabriel Pereira, d'Evora, haver encontrado em um livro da Misericordia d'aquelle cidade uma nota pela qual consta ter ali existido no meado do seculo xvi, D. Magdalena Butaca, de quem era genro o Licenciado Antão Buytaca, o qual, por um livro de obitos começado em 1547, consta ter fallecido a 5 de fevereiro de 1581, e ter tido um filho, que

denunciavam os sobresaltos da consciencia. A mulher pela sua parte, não sabia ainda como aquillo succedera.

Parecera-lhe cousa do diabo.

Fôra uma especie de vertigem.

Andava varrendo a casa e dera com a cabeça na barra do leito da pequena, depois sentira o sangue affluir-lhe á cabeça, cumprir-se-lhe o coração e... não sabe o mais que lhe succedeu.

D. Monica, em ares de muita compaixão, attribuia tudo isto ao maldito do *himmeroidal*.

Antonio Dourado fazia-se muito vermelho. Estava receioso que a mulher desse com a lingua nos dentes, e esforçava-se por pôr ponto na conversa.

Tambem queria entretanto dar explicações que esclarecessem o facto e fossem mais claras e mais accetaveis.

Elle é que ia pôr o dedo na ferida.

E voltando-se para a mulher, com ares paternaes de homem prudente, de grande tino e tacto, dizia-lhe que tudo aquillo era causa da sua falta de cuidado, effeito de querer fazer tudo ao mesmo tempo, de não querer ouvir nunca as advertencias que lhe faziam.

Se tinha um genio tão *farnetico* o diabo da mulher!

Ponderava então que ella costumava encapitar-se nos moveis, para basculhar as teias de aranha.

— Ora veja D. Monica, se com um corpansil

morrera a 22 de janeiro de 1573. Não podemos por enquanto dizer que relação ha entre estes individuos e o mestre, nem qual fosse a sua descendencia.

(Continua)

BRITO REBELLO.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILÃO

I

Dizia-se ha pouco no nosso periodo, fallando-se da exposição de electricidade em Paris, que as exposições parciaes eram as mais proveitosas de todas. D'isto é um exemplo palpante a exposição italiana de Milão.

Nascida de uma especie de paralisação e abatimento do commercio, que despertou a attenção e o pensar da camara commercial milaneza, nem esta, nem os cidadãos eleitos para estudarem os meios de dar um remedio áquelle mal, poderam prever a possibilidade de tão extraordinario successo.

A commissão eleita, composta dos cidadãos Estevão Labus, Luiz Fuzier, Luiz Ginouliac, Julio Richard, e José Speluzzi, depois de menos de um mez de trabalho apresentava á referida camara a 23 de dezembro de 1879 a proposta para uma exposição industrial em Milão. Esta proposta foi acolhida com todo o applauso, mas trinta mil opiniões se debateram. Uns queriam exposição universal, outros geral, outros artistica, commercial, agricola, tudo emfim, mas aquella commissão, firme no seu modesto plano dizia, tenhamos por agora um só pensamento, uma exposição industrial.

Eleito o *comitato* (direcção) da exposição, dirigiu este um manifesto ao paiz, e abriu uma subscrição.

Em poucos dias esta havia subido, entre os ricos patricios e burguezes de Milão á bella somma de cento e cincoenta contos proximo, e isto quando havia pouco que os milanezes tinham subscripto com cerca de cem contos para os inundados do Pó, e de vinte e quatro contos para as pobres victimas de um inverno rigorosissimo.

Breve se ajuntou áquelle somma, a de doze contos dos menores particulares, e cerca de 55 contos de alguns corpos collectivos, e depois de varias tentativas o governo concorreu com perto de cem contos; chegando se finalmente a obter um total de trezentos cincoenta e cinco contos proximo.

Desde então a empresa estava segura e a commissão dobrou de actividade. Mas surgia uma difficuldade. Em que localidade se faria a exposição? Nem menos de oito opiniões se apresentavam, sendo as que reuniam maior numero de votos as que escolhiam ou o local da praça d'armas, ou os jardins publicos. Para construir um palacio na praça de armas eram, porem, precisos milhoes, ao passo que preferindo-se os jardins publicos, a commissão encontrava já tres palacios promptos que os bordam e de que se poderia aproveitar. Alem d'isso esta localidade recommendava-se por estar n'um ponto central ás principaes estradas; portanto foram escolhidos os jardins publicos, o que a commissão annunciou a 12 de março de 1880, sendo encarregado o architecto Ceruti de formular o respectivo projecto. No fim d'esse mez estava este elaborado e construido um plano de galeria em *Sesto di Monza*, n'um jardim de Julio Vigonio um dos membros da commissão. Entregue a construcção aos respectivos empreiteiros, foram começados os traba-

¹ Vidé pag. 203 do presente volume.

d'aquelles, não é mesmo uma barbaridade, não ter amor nenhum ás costellas!

Isto posto concluia, que era muito bem feito o que lhe estava succedendo, e só lastimava que elle tivesse de pagar agora ao medico para tratar d'ella.

D. Monica confirmava e applaudia as palavras dos dois esposos, fazendo ligeiros meneios de cabeça, porque elles não deixavam fallar ninguem, mas intima e sinceramente mostrava-se mais inclinada a dar rasão ao marido e a acreditar na versão das teias de aranha.

De facto parecia-lhe muito mais verosimil, porque estava muito bem sciente do genio da mulher do mercieiro.

Então quando lhe chegou a sua vez de fallar pagou-se de juro e capital.

Começou reprehendendo a doente em termos moderados e de boa amizade.

Não devia ser assim. Para que tinha ella uma creada? Deus a livrasse de metter-se em trabalhos tendo quem a servisse.

N'essa é que não caia.

E toda se arrufava, fazendo uns gestos muito abertos e procurando mostrar-se sobre o caso sujeito de uma intransigencia quasi feroz.

Quando uma pessoa paga com o seu dinheiro é para ser servida e não para servir.

Aqui objectava a mulher do mercieiro, que as creadas nada faziam com geito, que eram todas umas cabeças de vento, que só queriam janella e namoro da municipal.

lhos por meado de junho, trabalhando diariamente nove centos operarios.

A actividade da commissão tinha-se tornado febril, e como uma pilha electrica havia comunicado a todos a sua energia.

I I

O bom senso da commissão milaneza havia-a induzido a formar um projecto modesto, que em breve foi ampliado e alargado, ainda com relação á industria.

A agricultura pediu o seu logar e obteve-o. Mas a agricultura chama logo as suas irmãs a horticultura, e jardinagem. E os animaes que prestam tanto auxilio á agricultura e á industria?

As construcções navaes e militares tambem são productos industriaes, e o ministerio da guerra manda modelos dos seus arsenaes.

O vestuario dos habitantes da Italia merecem uma exposição especial. De momento a momento se perde um traje, um costume aldeão, pelo contacto das gentes da cidade; faça-se pois um museu dos diversos vestuarios, em graça dos archeologos, e para documento historico.

Mas para completar tudo isto, e para a Italia conhecer a sua força productiva é conveniente fazer-se uma galeria de trabalho, onde se possa estudar como se produzem os diversos artefactos e os menos estudiosos possam ver, por seus olhos, quantas mãos se movem para produzir tal e tal producto, e quantas officinas estão abertas para poderem aproveitar os seus esforços.

Mas alguém aventou que uma exposição onde não estivessem representadas as Bellas-Artes seria incompleta, e inferior á de Florença em 1861, quando vinte annos depois o paiz tinha avançado tanto em todos os ramos.

E como quanto ainda ha tão pouco houvesse a magnifica exposição de Turim, julgou-se indispensavel a exposição de Bellas-Artes. Novas duvidas sobre a escolha do local, porisso que o palacio de Brera tem sido sempre consagrado a este fim, sendo porisso considerado o templo da arte. Como porem está longe, venceu o bom senso, e o palacio do senado onde estão o tribunal civil e o archivo nacional foi o escolhido, com auctorisacão do governo, tendo declarado não se oppor a isso o Superintendente do archivo, aquelle sympathico e honradissimo cidadão, Cesar Cantu, que pela sua parte offerreceu um premio de duzentos mil réis para o melhor quadro de argumento historico, em quanto a Academia de Brera offerreceu o de 800\$000, instituido pelo rei Humberto para a melhor obra de pintura ou de escultura.

Cesar Cantu, alem d'isso foi eleito presidente honorario da Exposição.

Organisa-se uma commissão de que fazem parte muitos escriptores, artistas, nobres, professores, todos entendidos e amadores da arte, que a 14 de junho publicavam o manifesto aos artistas de toda a Italia. Este appello foi coroado do melhor resultado. Se na exposição especial de Turim, as obras expostas eram 1:622, em breves dias a commissão se viu cercada por 3:418 obras d'arte enviadas por 1:106 expositores.

Os amadores da arte reclamavam que se fizessem patentes tambem os trabalhos da arte antiga, sem o que ficava incompleto este ramo; a commissão achou a reclamação justa, e o salão do jardim publico recebeu esses depositos preciosos.

A esta seguiu-se a idéa de uma exposição musical, que achou a mais decidida protecção na rainha Margareida, musica notavel e amadora apaixonada, e esta parte da exposição comprehende uma secção de instrumentos de todos os tempos, e musicas de todos os auctores conhecidos.

Para mais completa ser a exposição organisa-se um hippodromo para corridas de cavallos; resolve-se que

D'ahi estavam agora muito fidalgas, a tudo faziam cara, uns estafermos que não tinham aonde cabir mortas, e nem gostavam de ser mandadas.

Nunca se vira uma pouca vergonha assim de creadas.

Mas a doente estava fatigada e a palavra sem o querer tornava-se-lhe difficil e era arrasada com certa lentidão.

Era quasi uma temeridade o que estava fazendo.

O medico recommendara-lhe principalmente socego — muita quietação de espirito.

Tinha alguma febre, a lingua aspera decorada, cousa a que o mercieiro não dava muita importancia, porque a attribuia a humores alvorçados, e no seu entender o peor que ella tinha eram as duas brechas na cabeça.

Todavia elle concordava em que não era bom fallar de mais.

D. Monica fez logo as suas despedidas.

Não desejava dar encommodo e pedia licença para se retirar.

Ao sair do quarto da doente ia impressionada com a historia das creadas, da mulher do mercieiro, e pesarosa de não lhe ser permitido fazer logo ali a apologia da sua Joanna, uma creada que não se parecia em nada, com as demais creadas e era para tudo, fino e grosso, sempre com a mesma cara, só por fazer vontades, porque a Joanna era muito sua amiga, e se a tratava bem não era de certo por inte-

durante ella haja representação no theatro de la Scala o rei, as damas, os nobres, os ricos, o municipio, todos concorrem para este fim e mil jogos, mil entretenimentos são ideados e dispostos nos jardins para cercarem a arte e a industria de todos os attractivos e desenfadamentos. Para occorrer a tantas creações vem por fim a idéa de uma loteria de dois milhões de bilhetes a 400 réis proximoamente cada um, cujos premios constituídos por objectos d'arte fazem com que um animoso empresario, Oblighet, se offereça a tomar conta da loteria; por tanto o seu resultado ficou logo seguro.

Finalmente Visconte-Venosta, presidente da associação dos operarios de Milão, convocou estes e propoz-lhes que era preciso que os seus irmãos de toda a Italia, depostas quaesquer divergencias politicas, concorressem á exposição, de cujo estudo e exame podiam tirar tão grande resultado e ensino. Foi acolhida tão sympathica idéa, preparado tudo o necessario para a realizar, e a exposição, de Milão vin no seu seio não só os productos creados pelos esforços e applicação de milhares de individuos, mas uma grande parte d'estes, que iam reconhecer em cada producto a obra das suas mãos, e das dos seus collegas.

A Europa toda ficou espantada e admirada com o successo e resultado de uma idéa, que apparecendo tão simples e tão modesta de principio, se converteu n'uma criação tão grandiosa, que emparelha senão excede, os resultados das exposições universaes que até hoje tem havido, e é o maior exemplo, do que póde a energia de uma ração, quando todos desde o rei até ao minimo operario se ligam e unem para a realização de uma idéa.

Todas as nações tem ido alli estudar o que podem a arte e a industria d'um paiz, bem dirigidas. Os jornaes de toda a Europa tem dado conta das maravilhas da exposição; os irmãos Treves, os primeiros editores de Italia, crearam um periodico especial da exposição de Milão, onde todos dia por dia podem ter estudado o curso d'aquelle empreendimento gigantesco: só Portugal não mandou lá ninguém, nenhum dos seus periodicos se tem occupado d'ella, de maneira que este capitulo notavel na historia do trabalho moderno ficou quasi perdido para nós.

Já que fomos o primeiro povo que teve a sua exposição, daremos uma resumida conta da presente.

III

Posto que se tenha dito algumas vezes, ha muita gente entre nós que ignora, ter sido Portugal a primeira nação, onde a idéa de uma exposição nacional teve a sua primeira realização, e por isso não admira que os estrangeiros não fallem d'ella, não obstante achar-se escripta a noticia d'este facto em algumas relações escriptas em lingua estrangeira e portugueza conhecidas na Europa.

O genio do marquez de Pombal, que soube crear e romper do meio de um povo abatido e fanatisado uma industria nacional, tambem quiz mostrar-lhe o que valiam os esforços de todos quando se dirigem para o bem commum.

Depois alguns annos de haver feito crear varios estabelecimentos industriaes e de ver como ia tomando incremento a sua tentativa, ordenou uma exposição de industria nacional, a qual se realizou no dia 6 de junho de 1775, fazendo-se ostentação publica das immensas riquezas puramente nacionaes, não em um edificio para isso erecto, mas em tendas ou barracas singelas, em torno da grande praça do Commercio, e pelas ruas da cidade baixa até ao Rocio, espectáculo simples e ao mesmo tempo maravilhoso que fez conhecer á nação o que ella podia. Isto foi porém como que o canto do cysne, porque dois annos depois a intriga palaciana e o fanatismo arredavam o gigante, para dar logar aos pigmeus.

Quando pois em 1798, o Directorio fez organizar a pri-

resse de dinheiro porque ella não lhe dava ordenado.

Tinha ido de creança para sua casa, era como filha. Dava-lhe alguma coisa de vestir, pouca cousa, porque até n'isso a Joanna se não tornava pesada. Tão poupada era, que uns sapatos duravam-lhe dois annos: seis mezes em soffrivel estado e os dezoito restantes com os dedos de fóra.

Mas isto guardava ella para si, felizmente para o mercieiro, porque se elle ouvisse tal elogio da lambisgoia da creada, ficava de certo com grande ferro, e ia ao arame.

Era capaz até de bater com a cabeça pelas paredes e abrir n'ella em vez de duas quatro brechas.

Felizmente não succedeu assim.

Emquanto D. Monica se despedia, fazendo muitas recommendações carinhosas de cuidado e prudencia á mulher do mercieiro, desceu Antonio Dourado á loja, muito lestantemente, com ar prasenteiro e um todo de quem prepara surpresa grande.

Entrou de subito, surgindo por detraz das saccas de arroz e dos barris de manteiga, inesperadamente.

Costumava fazer d'aquellas sortidas para achar pretexto de dizer alguma cousa, para ralharr com os caixeiros e emberrar com tudo a proposito de nada, afim de mostrar aos freguezes que era elle o patrão, e ninguém lhe fazia o ninho atraz da orelha.

— Olha lá José, eu já te disse que não queria

meira exposição da repullica franceza, havia já 23 annos que se tinha realizado uma exposição em Portugal. Como sempre nos tem succedido, havendo sido os primeiros em muitas empresas, os estrangeiros tem tentado roubar-nos essas glorias. Debalde. O presente menos egoista, vae-nos fazendo justiça, e reconhecendo o valor dos nossos tentamens.

A Italia conta as suas exposições desde 1791, em que Pedro Leopoldo, abriu um concurso de bellas-artes. A sua primeira exposição, propriamente dita, foi porém em 1803 em Milão.

A exposição d'este anno foi estabelecida nos jardins publicos, estendendo por um lado no Corso de Venezia, e por outros nas vias Palestro, Boschetti, S. Primo e Senato. Da via Senato parte a larguissima avenida dos Boschetti, á direita da qual está o palacio do Senado, onde é a exposição das Bellas artes, tendo de um lado d'ella a galeria do material das vias americanas, e do outro a dos caminhos de ferro. A' via Boschetti dobra a avenida em angulo obtuso, e por esse alinhamento recto que vae entrar na fachada do edificio está disposta a exposição agricola. Aquella fachada é sobre a via Palestro, e entrando por ella, dá-se logo com a enorme exposição de tecidos e fiação. Seguem-se a esta, na mesma linha, a das artes liberaes, de moveis e tapearias, e ao fundo d'essa, como extensa nave, o salão Pompeiano, uma das bellas creações do architecto Ceruti, ornado de specimenes de arte antiga. Dois corredores dão passagem pela direita, para a grande sala das machinas, da qual se passa para a galeria do trabalho, uma das coisas mais curiosas da exposição, onde se vêem operarios e operarias trabalhando em diversos artefactos. Segue-se a essa, no sentido longitudinal, a entestar na via Palestro, a exposição mineira. Entre a galeria do trabalho e a dos tecidos, ha o grande salão de beneficencia e escolas. A' esquerda do visitante, e da fachada principal, ou á direita d'esta, está interrompida a via Palestro, por uma edificação que ligou os jardins publicos aos da Villa do rei, por concessão liberal d'este, onde estão as exposições das artes, de ourivesaria, vidraria, ceramica, alimenticia, de chimica, obras publicas, agraria, as grandes exposições de viaturas, do ministerio da guerra e marinha e outras. Ao lado, nos jardins publicos, ao longo da via Palestro está a exposição permanente horticola.

Quatro entradas ha para a exposição pelos Boschetti, e vias Boschetti, Palestro e Corso de Venezia. A belleza da decoração, tanto da fachada principal e porta de Venezia, como do interior do edificio, faz muita honra, principalmente ao architecto Ceruti e aos mais que concorreram com a sua intelligencia para esta grande obra nacional.

Agora, que já conhecemos como nasceu, progrediu e se realizou a grande exposição de Milão, do presente anno, e os edificios onde está estabelecida, faremos uma rapida descripção dos productos expostos nas suas galerias.

(Continua)

R.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS. — *Agricultura, illustrada com dez gravuras; — Algebra elementar — acomodada a poder servir como auxiliar no ensino dos que frequentam o 3.º anno de mathematica, do Curso Geral dos Lyceus.* — Lisboa, David Corazzi, editor, Empreza Horas Romanticas, 40, rua da Atalaya, 52. — 1881. São estes os dois fasciculos n.ºs 13 e 14 d'esta util publicação, que mantem o bom credito que adquiriu desde o principio, apesar de alguns pequenos defeitos que temos apontado, mais de execução typographica que

ali as latas das bolachas. Olha que aceio este! Quem entornou alem aquelle sal?

Então enfurecia-se.

Sal entornado era uma cousa de quisilia. Nunca em os seus tempos de marçano entornára sal.

— Já uma vassoura e varrer tudo muito bem varrido.

Depois chegava-se ao balcão. Se alguma fregueza esperava dirigia-lhe a palavra.

— Que quer vocemecê menina?

Entretanto olhava para o fiel das balanças e observava a maneira porque eram pesados os generos.

— Vá! Vá! Parece que ficas ahí a morrer!

Ao mesmo tempo dirigia-se ao marçano, que recomeçava pela terceira vez um cartuxo de quarta:

— Olha o diabo da lesma! Já se viu maior cabeça de burro?! Está aqui ha seis mezes e não sabe nada.

Depois arrancava-lhe com maus modos o papel e elle proprio fazia o cartuxo com todo o preceito e ia enche-lo, repetindo sempre por entre dentes, de uma maneira irada e despresadora!

— Vês minha cabeça de burro, vês?...

Em seguida dirigia-se aos freguezes, aquelle que lhe parecia mais qualificado, de melhor juizo:

— Estes rapazes de hoje não prestam para nada!

(Continua)

LEITE BASTOS.

litteraria. No livrinho, *Agricultura*, e nos mais que se seguirem com relação a este importante ramo da nossa riqueza, lembraremos aos redactores que não deixem de consultar principalmente os *Elementos de Agricultura*, de Raspail, traduzido e com preciosas notas por Antonio Joaquim de Figueiredo, e o *Manual de Agricultura*, de José Maria Grande, onde se acham recolhidos muitos termos, e autorisados outros, por tão competentes mestres, e muitas noticias interessantes, e a conveniencia de recolher outras de algumas localidades, que andam desconhecidas. Por exemplo, o *guano de peixe*, que é chamado nas nossas provincias maritimas do norte, *escasso*; substituiriamos tambem na parte relativa aos estrumes a designação de *plantas aquaticas* á de *plantas maritimas*, porque as plantas d'esta classe mais aproveitadas em Portugal como adubos, são colhidas principalmente no interior dos rios, e nas páteiras e lagos formados principalmente pelo desbordamento das rias, e que se empregam já sós, já misturadas com os estrumes de curral. Isto é apenas uma indicação pratica, sem pretensões a mais nada.

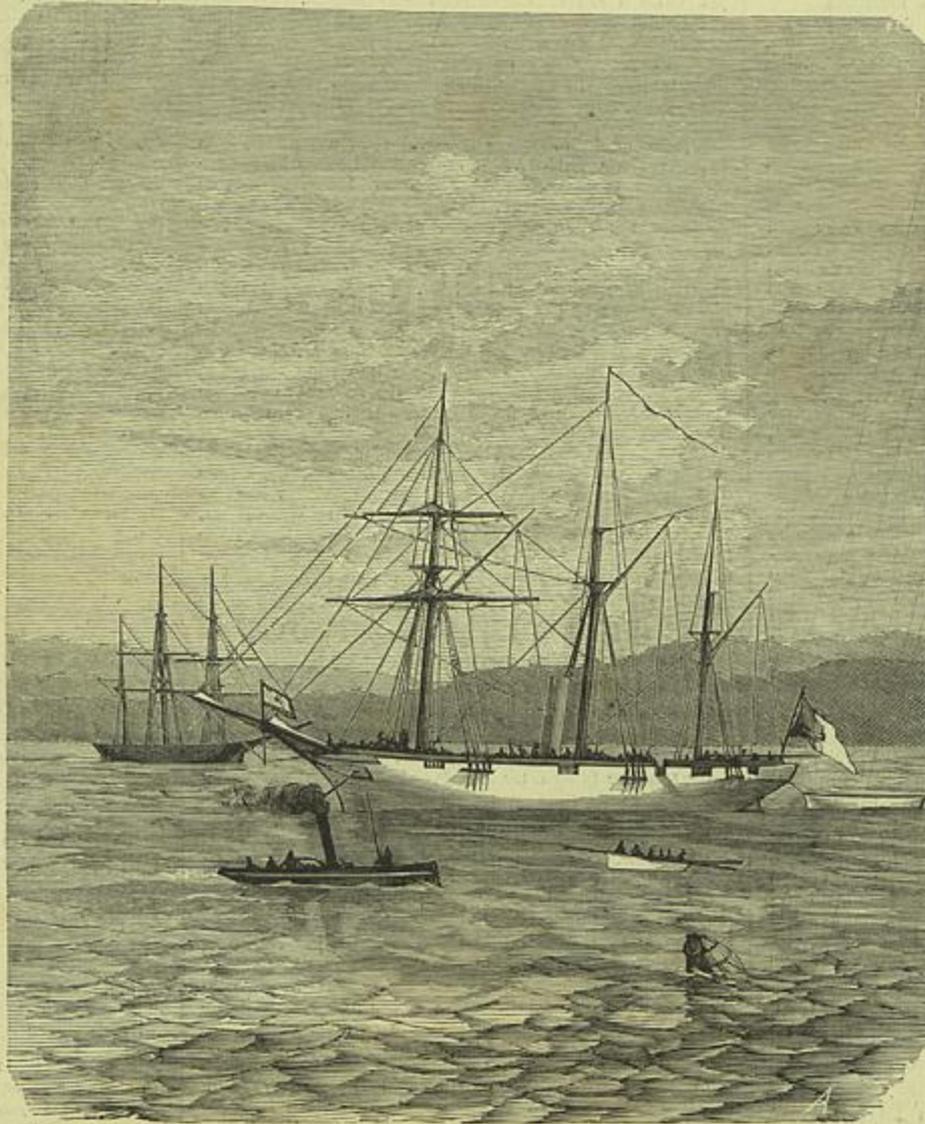
O POSITIVISMO, revista de *philosophia*, dirigida por Theophilo Braga e Julio de Mattos, 3.º anno, n.º 5, junho e julho, Porto, Livraria Universal de Magalhães e Moniz, editores, 12, Largo dos Loyos, 14, 1881, publica este fasciculo os seguintes artigos: *Politica positiva*, pelo sr. Theophilo Braga; *Tradições populares portuguezas*, (*Materiaes para a ethnographia de Portugal: Mythologia, cantos, usos, costumes, superstições, proverbios, jogos infantis, contos, lendas e tradições locais do nosso povo*) VIII: *Superstições populares (varia)*, pelo sr. Consigliere Pedroso, é a continuação de um estudo do illustrado professor, que de principio encetado em mais modestas proporções, e até com outro titulo, se tem alargado pela abundancia de subsídios, que vão tornando este trabalho de uma importancia capital para a ethnographia portugueza, convertend-o n'um importantissimo capitulo da historia da península. *Estudos de psico-physiologia*, pelo sr. Julio de Mattos. *Bibliographia o Livro da escripta*, pelo professor Carlos Faulmann (continuação); pelo sr. A. R. Gonçalves Vianna, trabalho muito interessante, que deixa perceber dos menos entendidos a importancia do livro do sabio professor allemão, e a sua utilidade no estudo comparado das linguas e portanto o auxilio que póde prestar aos que se dedicam não só ao ramo da linguistica, mas tambem a outros estudos historicos; encerra ainda outros artigos de critica litteraria dos redactores.

L'ILLUSTRAZIONE ITALIANA. — Vae esta excellente publicação, uma das mais interessantes e mais notaveis da Europa, no seu oitavo anno de publicação. Devido á actividade dos irmãos Treves, que se podem chamar os iniciadores da publicação illustrada na Italia, tem progredido e melhorado. Estes ousados iniciadores levantaram-se contra o jornalismo e publicações que se ali-

mentavam apenas de clichés estrangeiros, não entrando perfeitamente na vida e communhão de idéas nacionaes, e sendo um descredito, uma vergonha e um prejuizo para a arte e artistas nacionaes. Este facto que se dava na Italia, tem-se dado em outros paizes, tirando-se sempre d'elle esta triste conclusão: nem serve a arte, nem tem dado interesse aos empresarios. A *Illustração Ita-*

litteraria commettendo á nossa pobre tentativa a honra da troca, o que não podemos deixar de reconhecer. D'essa empreza nasceu o seguinte, que foi uma tentativa util e brilhante.

MILANO E L'ESPOZICIONE ITALIANA — *fratelli Treves, editori*. — Comprehenderam estes habilissimos editores uma coisa, que até hoje não tem sido bem comprehendida e executada; que uma exposição por mais universal que seja, precisa universalisar-se pela imprensa. Do proprio paiz onde ella é emprehendida e estabelecida concorrerá a vel-a uma decima parte dos habitantes, dos paizes estrangeiros uma diminitissima parte, e tanto mais diminuta, quanto mais distantes elles estiverem, por tanto a grande idéa é levar a exposição a casa de cada um. Que todos a possam ver no seu gabinete, sobre a sua mesa de trabalho, que o menos abastado, sua mulher, seus filhos possam ver a exposição por dezoito tostões, ou por um tostão ou seis vintens por semana. Bem sabemos que de todas as exposições se tem feito relatorios, que apenas os eruditos vêem, e publicados a maior parte das vezes seis mezes, um anno ou mais depois d'ellas encerradas, bem sabemos que as *Illustrações* e outras publicações illustradas tem dado conta das principaes coisas d'essas exposições, mas a exposição nacional de Milão, assim como foi extraordinaria no seu principio, no seu conjuncto, na sua manifestação, no seu desenvolvimento e revelações, assim fez nascer a popularissima e importantissima lembrança de a fazer registrar dia a dia, hora a hora, galeria por galeria, invento por invento, artigo por artigo, em uma publicação especial que nos dê não só idéa da sua grandeza e importancia, mas que nos mostre por menor cada uma das suas minimas partes. Este desideratum realisaram-n'o os irmãos Treves, e graças ao seu emprehendimento podemos nós dar aos nossos uma noticia um pouco mais desenvolvida e conscienciosa tanto na parte artistica como descriptiva, recommendando a todos a compra d'esta publicação, se quizerem tomar uma poderosa lição do que valem e podem a iniciativa e energia de um povo que foi e quer ser, como o sr. Henri Martin dizia o anno passado muito benevolamente a nosso respeito.



MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — CANHONEIRA AVE

(Desenho do natural por J. Dantas)

lana, como todos os verdadeiros periodicos nacionaes do seu genero tem feito conhecer já do mundo uma grande quantidade de monumentos e curiosidades naturaes d'aquelle bello e artistico paiz, e disseminando pelo mundo o conhecimento das obras da arte e da industria e sciencias modernas italianas, e revelado aos menos estudiosos, que ellas mantêm as superiores tradições de Galileo, Dante, Tasso, Petrarca, Volta, Palestrina, Paisiello e tantos outros que elevaram aquella nação á primeira plana nas sciencias, nas artes e nas letras. A publicação da *Illustração Italiana* foi pois um grandissimo serviço prestado á Italia pelos irmãos Treves, que nos hon-

ENIGMA

DOMINGO × 1:000

1881
1882

Explicação do inigma do numero antecedente:
Velho gaiteiro, velho menino.

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1882

Publicado pela Empreza do OCCIDENTE

Sahirá a publico no dia 20 do corrente este almanach, **completa novidade**.

O **Almanach Illustrado do Occidente** é um elegante livro de 80 paginas em grande formato e magnifico papel assetinado, adornado de mais de 50 gravuras de monumentos de Portugal, paisagens do paiz, quadros e esculpturas de artistas portuguezes, vistas de Africa e raças africanas estudadas pelos exploradores portuguezes Capello e Ivens, com os retratos dos referidos exploradores, retratos dos escriptores Oliveira Martins e Eça de Queiroz, secção de necrologia com os retratos de Duque d'Avila e de Bolama, Barão de Japurá, Marquez de Fronteira, Sá Noronha, Guilherme Cossoul e Osorio de Vasconcellos.

Este almanach além de uma desenvolvida parte litteraria, contém calendario completo e illustrado, tabellas dos carris de ferro de Lisboa, dos caminhos de ferro portuguezes, preços de assignaturas de jornaes que se publicam em Portugal, lei do sello, correios e telegraphos, floricultura e horticultura e annuncios illustrados de estabelecimentos importantes.

Uma secção de charadas e um enigma pittoresco a premio.

UM ELEGANTE FRONTESPICIO ORIGINAL DE M. DE MACEDO

E UMA EXPLENDIDA CAPA EM CHROMO-LITHOGRAPHIA, ORIGINAL DE A. RAMALHO

REPRESENTANDO UMA FESTA INFANTIL

Preço 240 réis

Todos os pedidos devem ser dirigidos á Empreza do OCCIDENTE, rua do Loreto, 43, Lisboa.